



Exposição

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



FICHA TÉCNICA

ORGANIZAÇÃO

Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde

COMISSÁRIO

Professor Doutor Vítor Vasconcelos

EQUIPA TÉCNICA

COORDENAÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE

Comandante António Costa Rei

EQUIPA CMIA

Andreia Gouveia

Fernanda Saraiva

Sílvia Morim

Luísa Rodrigues (Coordenadora)

Com a colaboração de

João Garcia

Liliana Silva

Renata Sousa

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

CMIA de Vila do Conde

Arquivo Municipal de Vila do Conde

Estação Aquícola de Vila do Conde



Índice

Introdução	4
Painéis	
Contexto Histórico e Diagnóstico do Sector da Pescas em Portugal	5
Introdução sobre o tema e o projeto	6
Estação Aquícola	7
A pesca lúdica fluvial em Vila do Conde – Espécies capturadas ...	9
A pesca marítima em Vila do Conde – Espécies costeiras	11
Origem da pesca do bacalhau	13
A seca do bacalhau	14
Requalificação da Seca do Bacalhau em Vila do Conde	15
Casa do Risco – Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde	16
Estaleiros Navais	17
Tipologia de embarcações de pesca	18
Naus e Caravelas	19
Naus e Caravelas construídas em Vila do Conde	20
Nau Quinhentista de Vila do Conde	21
Alfândega Régia	22
Festividades Religiosas	23
Trajes tradicionais	24
Artes de pesca	25
Anexos	
Atividades lúdico-pedagógicas	28

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Introdução

Localizada na margem Norte da foz do rio Ave, Vila do Conde é um importante centro industrial, porto de pesca, zona balnear e turística, configurando um dos principais e mais procurados centros balneares do país, e um dos principais núcleos piscatórios nacionais.

A antiguidade e a importância do porto de Vila do Conde não são fáceis de situar no espaço temporal. As primeiras indicações, já no distante século IX, em documentos da Vila, referem uma atividade piscatória e salineira, sendo, porém, nos séculos XV e XVI que o porto atinge o seu apogeu com a construção de navios para os Descobrimentos. Presentemente, existe neste porto o maior e mais moderno estaleiro de construção e reparação naval de embarcações de pesca do nosso país.

O porto de Vila do Conde foi sempre um fator de progresso e de desenvolvimento económico para a cidade, sendo um importante centro de geração de emprego na região onde está inserido.

A exposição “Há pesca em Vila do Conde” aborda aspetos relacionados com a pesca marítima e a pesca fluvial em Vila do Conde, a origem da pesca e a seca do bacalhau, os estaleiros navais, as embarcações e as artes de pesca utilizadas pela comunidade piscatória Vila-condense, os seus trajas e as festividades religiosas, assim como informação acerca da Alfândega Régia, da Casa do Risco e das naus e caravelas construídas em Vila do Conde.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Contexto Histórico e Diagnóstico do Sector da Pesca em Portugal

A pesca constituiu durante longos anos uma actividade florescente em Portugal. Entretanto, entrou em decadência no século XVII e acabou por atravessar uma enorme crise nos fins do século XVIII. Em meados do século XIX, as pescas portuguesas iniciaram um novo período de progresso - a partir de 1885 foi retomada a pesca do bacalhau no Noroeste do Atlântico e, foi por essa altura que começaram a operar os primeiros arrastões movidos a vapor. No final do século XIX, com o impulso do Rei D. Carlos, iniciaram-se os estudos oceanográficos, altura em que foi feito o levantamento de toda a carta batimétrica portuguesa.

Há vestígios da existência de pesca do período do Paleolítico, há cerca de 50 mil anos atrás. No Sul dos continentes Africano e Europeu podem encontrar-se pinturas rupestres representando peixes e cenas de caça datadas de há 25 mil anos atrás.

Segundo o Plano Estratégico Nacional para a Pesca (PEN), estão definidas quatro grandes prioridades a desenvolver no período de 2007-2013:

- Promover a competitividade do sector pesqueiro num quadro de adequação aos recursos disponíveis;
- Criar mais valor e diversificar a indústria transformadora;
- Reforçar, inovar e diversificar a produção aquícola;
- Assegurar o desenvolvimento sustentado das zonas costeiras mais dependentes da pesca.

No século XX, a quebra nas pescas vem desde a década de 1960 e ocorreu, sobretudo, nas águas externas ou longínquas, devido à liberalização do mercado do bacalhau no final dos anos 70. Face à concorrência internacional desfavorecida em relação aos modernos arrastões que contrastavam com a pesca à linha dos portugueses, as pescas portuguesas neste sector nunca conseguiram recuperar da crise.

Entre 1986-2005, a frota pesqueira portuguesa decresceu 45% em termos de número de navios e as capturas decresceram 48% (destes, 30% corresponderam a águas nacionais e 78% a pesqueiros externos).

Com a Integração de Portugal na União Europeia, a 1 de Janeiro de 1986, o sector das pescas ficou balizado por um novo quadro jurídico, a Política Comum de Pesca (PCN).

As alterações das políticas económicas e sociais em consequência do 25 de Abril de 1974 levaram à extinção dos Grémios e Casas dos Pescadores, sendo criados, por iniciativa livre, os Sindicatos de Pescadores e as Associações de Armadores, e a nacionalização de algumas das principais empresas armadoras e de transformação e comercialização de pescado.

No final do ano de 2005, a frota de pesca nacional era composta por um total de 9.955 embarcações repartida pelo Continente (79%) e Regiões Autónomas dos Açores (16%) e da Madeira (5%); 91% das embarcações com um comprimento inferior a 12 metros, 87% com uma arqueação bruta inferior a 5 GT e uma percentagem significativa de embarcações não são motorizadas.

No ano de 2007, a actividade da pesca em Portugal registou uma evolução positiva, representando um crescimento de 12,5% relativamente ao ano anterior e 9,8% se compararmos com 2005, tendo sido a sardinha a espécie mais pescada em Portugal.

Portugal detém 27 portos principais e um elevado número de pequenos portos com vocação pesqueira: 15 no Continente, 2 na Região Autónoma da Madeira (Funchal e Porto Santo) e 9 na Região Autónoma dos Açores (um em cada ilha do arquipélago). A modernização dos principais portos de pesca tem constituído uma prioridade, principalmente ao nível das infra-estruturas portuárias.

Vila do Conde, com particular incidência a comunidade das Caxinas, é considerada uma das maiores comunidades piscatórias a nível nacional.

Para além do papel elementar da subsistência humana, a pesca é uma actividade económica importante, criadora de várias outras actividades em terra: construção e reparação das embarcações de pesca, armazenamento, transporte, transformação e venda dos produtos da pesca, construção de artes e utensílios de pesca, etc.

A pesca funciona como um factor de fixação das populações, existindo ao longo da costa muitas comunidades para as quais esta constitui a sua actividade principal. Dada a complexidade e dificuldade das tarefas ligadas ao mar, que exigem dedicação absoluta e conseqüente elevado grau de especialização, estas comunidades apresentam notórias dificuldades de reconversão e/ou diversificação profissional.

O território Continental, situando-se numa zona de transição para ecossistemas mais quentes, apresenta uma elevada diversidade de espécies de pescado mas uma baixa abundância. A costa ocidental caracteriza-se pela existência de fenómenos sazonais e afloramentos costeiros ("up-welling").

Segundo o Plano Estratégico Nacional para a Pesca - PEN (2007-2013), o emprego directo no sector (pesca/captura, aquíicultura e indústria transformadora dos produtos da pesca) representava, em 2005, 0,6% numa população activa de cerca de 5,5 milhões de pessoas.

Face à importância do sector da pesca em Portugal que ultrapassa, em muito, a sua expressão económica, nomeadamente quando se consideram as vertentes sociais, culturais, de segurança alimentar, etc., a estratégia de desenvolvimento deste sector passa, necessariamente, pela sua sustentabilidade a longo prazo, tendo como prioridades o património natural e cultural, a preservação do meio ambiente e a coesão social das populações.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Localizada na margem Norte da foz do rio Ave, Vila do Conde é um importante centro industrial, porto de pesca, zona balnear e turística, configurando um dos principais e mais procurados centros balneares do país, e um dos principais núcleos piscatórios nacionais.

A antiguidade e a importância do porto de Vila do Conde não são fáceis de situar no espaço temporal. As primeiras indicações do século IX, referem já uma actividade piscatória e salineira.

No século XVI, o seu território ocupava cerca de 0,5 Km² e era constituído por uma população aproximada de cerca de 3600 habitantes. Confinado a sul pelo rio Ave e a oeste pelo mar, era circundado por três grandes concelhos (Maia, Porto e Barcelos), que lhe retiravam quaisquer possibilidades de expansão territorial. O mar era, por imperativos geográficos, o seu mais imediato horizonte de projecção.



Fonte: VILLAS BOAS, Custódio José Gomes – *Mapa da provincia de Entre -Douro-e-Minho* (1798), A.I.G.C. – Carta 60. Pormenor.

Apesar da sua reduzida dimensão, a vila era, na primeira metade do século XVI, um importante estaleiro de construção naval, assim como um importante porto de transporte, através do fretamento a terceiros – rei e particulares, de peso significativo no contexto nacional.

Desde o início do processo expansionista está comprovado o seu profundo envolvimento, quer nas navegações, comércio e colonização, quer em actividades de apoio logístico às mesmas, como a construção naval e o fabrico de velames.



O porto de Vila do Conde foi sempre um factor de progresso e de desenvolvimento económico para a cidade, sendo um importante centro de geração de emprego na região

Presentemente, existe neste porto o maior e mais moderno estaleiro de construção e reparação naval de embarcações de pesca do nosso país.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Estação Aquícola

A Estação Aquícola de Vila do Conde está instalada na margem direita do rio Ave, entre o açude de Vila do Conde e o de Retorta. O fundador deste estabelecimento foi o Professor Augusto Nobre, que em 1893 propôs o projecto da sua construção. Foi criada com o intuito de produzir e desenvolver óvulos e embriões das principais espécies de água doce, para serem distribuídos pelos rios do norte do País, promovendo assim o seu repovoamento.

O Ave, Ano 2, nº 89, 24 de Dezembro de 1893

Do nosso collega portuense O Commercio do Porto transcrevemos a seguinte noticia:
«Como é sabido foi decretada a criação de uma estação aquicola em Villa do Conde, estabelecimento da maior vantagem, não só para aquella localidade, como para o norte do paiz.

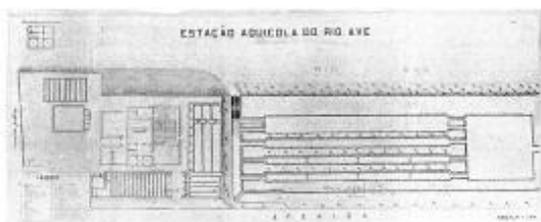
O ante-projecto da estação foi elaborado pelo distincto engenheiro Sr. Manoel de Souza Machado Junior, que n'esse trabalho se houve com uma competencia comprovadora dos seus meritos.

A estação referida apenas importara em 3.000.00 reis, e a sua utilidade reconhecer-se-ha sabendo-se que ella tratará não só de peixes d'agua dôce, como dos de agua salgada. Foi, portanto, um acto de verdadeira justiça praticado pelo ex-ministro das obras publicas sr. Conselheiro Bernardino Machado, creando uma estação aquicola em Villa do Conde, localidade, que pelas suas condições está perfeitamente apta para um estabelecimento d'aquella natureza»



Primeiro edifício da Estação Aquícola

Além de laboratórios de incubação, tanques para estabulação das criações e museu, a Estação Aquícola possuía um laboratório de estudo, terrário e vivário. Entre outros, criavam-se trutas, salmões, sáveis, carpas, tencas,...



Planta da Estação Aquícola após a ampliação de 1901



Exterior do edifício da Estação Aquícola



Tanques



Terrário e vivário



Sala dos aquários



Laboratório de incubação

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Estação Aquícola

Actualmente, o edifício principal alberga uma divisão da Autoridade Florestal Nacional.



Edifício principal da Estação Aquícola



Tanques



Edifício virado para o rio Ave



Edifício da Estação

Nos 20 mil metros quadrados da estação, num espaço verde "privilegiado" à beira-rio, prevê-se a criação de um ecoparque, o primeiro no país vocacionado, especificamente, para a educação ambiental e divulgação de tecnologias que contribuam para o desenvolvimento sustentável.

O edifício principal, será ampliado e terá áreas de estudo e pesquisa aquícola e um fluvial, que contará a história da aquacultura no rio Ave. No 1.º andar, ficará um pólo de microempresas dedicadas às energias renováveis.

No exterior, serão mantidos e recuperados os tanques, "repovoados" com as mesmas espécies (salmão, truta, sável, carpa) que, durante mais de meio século, foram criadas no local.

Do parque, com quase 18 mil metros quadrados de área verde, fará parte uma zona de lazer para os mais novos, com uma "casa da árvore", um multiusos para exposições e uma área educativa.



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



A pesca lúdica fluvial em Vila do Conde – Espécies capturadas

A pesca é o acto de capturar peixes ou outros animais aquáticos tais como, crustáceos, moluscos, equinodermes. Pode ocorrer nos rios (**pesca fluvial**), lagos (**pesca lacustre**) ou mar (**pesca marítima**), com intenção comercial, de subsistência, desportiva ou outras.

Segundo o Decreto-Lei 246/2000, de 29 de Setembro, **pesca lúdica** é toda a captura de espécies marinhas, vegetais ou animais, sem fins comerciais, designando-se por apanha lúdica quando a recolha se faz de forma manual.

O Rio Ave é a principal linha de água da região do Vale do Ave. Para além deste, a Bacia do Ave é constituída por outros rios e ribeiras, tais como o Rio Este, o Rio Gandra, o Rio Onda, a Ribeira da Varziela/Granja ou a Ribeira de Silvares.

As espécies capturadas nos cursos de água de Vila do Conde são: Truta-de-rio, Carpa, Perca-sol, Enguia, Tainha, Robalo, Achigã, Barbo, Lagostim de água doce, Pimpão, Solha e Linguado.

A perca-sol é uma espécie introduzida em Portugal e que aparece em todas as Bacias Hidrográficas tais como no Ave, Cávado, Douro, Leça, Lima e Vouga. Habita em águas calmas (albufeiras ou cursos de água), com muita vegetação, quer em albufeiras quer em cursos de água.

Alimentação: Alimenta-se de invertebrados, tais como minhocas, pequenos caranguejos, larvas de insectos mas também peixes jovens e de ovos.



PERCA-SOL (*Lepomis gibbosus*)



A enguia vive sobretudo no fundo dos rios e barragens. É mais activa durante noite, escondendo-se em buracos durante o dia. Ocorre em rios com águas correntes, oxigenadas, menos frias e com leitos adequados à escavação (areias e lodos) ou com densa vegetação.

Alimentação: Espécie omnívora, alimenta-se de crustáceos, larvas de insectos, algas, anelídeos e peixes.

ENGUIA (*Anguilla anguilla*)

Espécie invasora originária da Louisiana-EUA, este crustáceo de água doce muda de coloração dependendo do meio onde vive, do seu estágio de desenvolvimento, da alimentação, entre outros factores. São calmos, vivem escondidos e não gostam de luminosidade excessiva.

Alimentação: Consome detritos, vegetação e animais vivos (moluscos, insectos, vermes, larvas, girinos e alguns peixes).



LAGOSTIM-DE-RIO ou LAGOSTIM DE ÁGUA DOCE (*Procambarus clarkii*)

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



A pesca lúdica fluvial em Vila do Conde – Espécies capturadas



Espécie indígena da Europa, com habitat bem definido (territorial). Prefere correntes rápidas, mas vive também nos rios de planície e nos lagos de águas frescas, sendo muito sensível à poluição e elevação da temperatura.

Alimentação: Essencialmente carnívora, alimenta-se de presas vivas (insectos, vermes, pequenos peixes, moluscos, crustáceos).

TRUTA-DE-RIO (*Salmo trutta*)

Espécie invasora originária da Europa Oriental e Ásia Ocidental. Em Portugal encontra-se em praticamente todas as bacias hidrográficas. Vive em albufeiras e cursos de água de corrente fraca, pouco profundos e com vegetação abundante.

Alimentação: Espécie omnívora, alimenta-se de animais de solo como larvas de insectos, minhocas, caracóis, pequenos moluscos e caranguejos.

CARPA (*Cyprinus carpio*)



O Barbo é uma espécie autóctone da Península Ibérica. Prefere cursos de água com elevada cobertura ripária e com corrente rápida, com fundos de pedra ou gravilha e reduzida instabilidade hídrica.

Alimentação: Espécie omnívora/detritívora alimenta-se de detritos, restos de plantas e larvas de invertebrados.

BARBO (*Barbus bocagei*)

A tainha distribui-se por todo o mundo, ocupando águas costeiras temperadas ou tropicais. Ocorre, normalmente, em águas salobras, existindo algumas espécies que vivem também em água doce.

Alimentação: Alimenta-se de organismos bentónicos, zooplâncton e detritos. Os adultos alimentam-se de algas nas águas doces.

TAÍNHA (*Mugil cephalus*)



O pimpão é uma espécie invasora que vive em águas pouco profundas de lagoas e rios de corrente lenta, com vegetação abundante e fundos arenosos.

Alimentação: Espécie detritívora, alimenta-se também de invertebrados aquáticos (larvas de dípteros, copépodes) e de algas.

PIMPÃO (*Carassius auratus*)

A achigã é um peixe de superfície que suporta bem águas salobras e vive preferencialmente em águas quentes com vegetação (albufeiras, lagos e lagoas), podendo ocorrer também nos troços médios ou inferiores dos rios.

Alimentação: Os adultos alimentam-se de outros peixes, crustáceos e insectos aquáticos. Os juvenis consomem insectos, crustáceos e moluscos. Os alevins alimentam-se de plâncton.

ACHIGÃ (*Micropterus salmoides Lacepede*)



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



A pesca marítima em Vila do Conde - Espécies costeiras

Na pesca marítima distingue-se a **pesca local**, praticada nos estuários dos rios, lagoas, praias e orlas marítimas junto à costa (coincide praticamente com a chamada pesca artesanal), a **pesca costeira**, levada a cabo no mar (em alguns casos, também coincidente com a pesca artesanal), a **pesca do alto**, efectuada a maior distância do porto de origem que a pesca costeira, na qual os pescadores se deslocam para pesqueiros distantes, a maior parte das vezes sem terra à vista e, a **pesca longínqua**, que é praticada por unidades dotadas de grande autonomia e aptas a conservar eficazmente as capturas durante alguns meses, uma vez que ocorre em zonas longínquas do Globo, tais como a Islândia, a África do Sul, a Terra Nova, etc..

A fauna da costa de Vila do Conde é muito variada. Algumas espécies habitam indiferentemente os **grandes e pequenos fundos** afastando-se ou aproximando-se da costa (ex: sardinha, cavala e robalo), outras vivem **perto da costa** e entram no rio com as marés (ex: faneca, solha e linguado).



Espécie de natureza gregária com distribuição ao longo da costa portuguesa. O seu número tem vindo a diminuir gradualmente das águas mais costeiras, em particular nos estuários (locais que frequenta durante os meses de Primavera e Verão), provavelmente devido à contaminação.

Alimentação: Essencialmente carnívora quando atinge a maturidade (pequenos peixes, manchas planctónicas de crustáceos e alevins).

FANECA (*Trisopterus luscus*)

O Robalo vive acima de fundos arenosos e rochosos pouco profundos; é frequente encontrá-lo junto da zona de rebentação das ondas para se alimentar. Suporta bem as alterações de salinidade, penetrando em lagoas e estuários. Os jovens são gregários.

Alimentação: Pequenos peixes, camarões e lulas.

ROBALO (*Dicentrarchus labrax*)



O Linguado distribui-se ao longo de toda a zona costeira (até 100 metros de profundidade) e em águas salobras de lagoas e estuários. Habita zonas demersais com fundo de areia ou vasa.

Alimentação: Principalmente poliquetas e moluscos bivalves, mas também larvas de insectos e pequenos crustáceos.

LINGUADO (*Solea senegalensis*)

Espécie que habita zonas demersais, sobre fundos arenosos, areno-vasosos e vasos das águas litorais costeiras até 60m de profundidade, penetrando por vezes na água doce.

Alimentação: Vermes, pequenos moluscos, crustáceos e pequenos peixes.

SOLHA (*Platichthys flesus*)



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



A pesca marítima em Vila do Conde – Espécies costeiras

A marmota distribui-se ao longo da costa portuguesa, entre 70 e 370m de profundidade. Os adultos vivem perto do fundo durante o dia, deslocando-se para a coluna de água durante o período nocturno.

Alimentação: Os adultos alimentam-se de lulas e peixes (sardinha, bacalhau e arenque).



MARMOTA (*Merluccius merluccius*)



A cavala é uma espécie pelágica costeira, conhecida por migrações de grande curso. Os adultos vivem perto do fundo durante o dia, deslocando-se para a coluna de água durante o período nocturno. Aparece raramente no Inverno, altura em que vive em águas mais profundas e afastadas da costa, de onde se aproxima de novo a partir do início da Primavera.

Alimentação: Peixes, moluscos e crustáceos.

CAVALA (*Scomber japonicus*)

Espécie pelágica gregária, mantém-se entre os 25 e 30m de profundidade durante o dia e os 15 e 35m durante a noite. Quando jovens migram para a costa e águas pouco profundas; quando adultas, para águas oceânicas mais profundas. A desova ocorre na Primavera e perto da costa.

Alimentação: Plâncton.



SARDINHA (*Sardina pilchardus*)



Molusco bentónico que vive sobre fundos variados, preferencialmente rochosos, até 200m de profundidade. Normalmente vive em esconderijos durante o dia e caça durante a noite. Efectuam migrações sazonais, estando em águas mais profundas no Inverno e mais junto à costa no Verão.

Alimentação: Bivalves e crustáceos.

POLVO (*Octopus vulgaris*)

Crustáceo frequente no infralitoral (fundos de areia) e nas poças deixadas pela baixa-mar.

Apresenta uma vasta distribuição na Europa e está sujeito à pesca comercial em muitas áreas dado o seu elevado valor comercial.

Alimentação: Crustáceos, poliquetas e algas, entre outros.



CAMARÃO (*Palaemon serratus*)



Crustáceo que vive em fundos rochosos, logo abaixo do limite inferior da maré baixa, normalmente até 10m de profundidade, podendo ser encontrado até 70m. O seu período de actividade é nocturno, passando o dia escondido em fendas de rochas e entre laminárias.

Alimentação: São omnívoros (animais e algas) e detritívoros (substâncias orgânicas em estado de decomposição). Podem por vezes praticar actos de canibalismo.

NAVALHEIRA (*Necora puber*)

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Origem da pesca do bacalhau

A história da pesca do bacalhau, referenciada pela primeira vez pelos portugueses em 1353, está intimamente ligada aos Descobrimentos e ao renascer da pesca no século XX com alterações política introduzidas pelo Estado Novo. Quando Portugal esteve sob domínio de Espanha, toda a frota de pesca portuguesa foi incorporada na *Invencível Armada*, com a qual Filipe III queria vencer os ingleses. A derrota da frota ditou a queda das pescas portuguesas que só retornaram aos bancos de bacalhau da Terra Nova quase dois séculos depois.

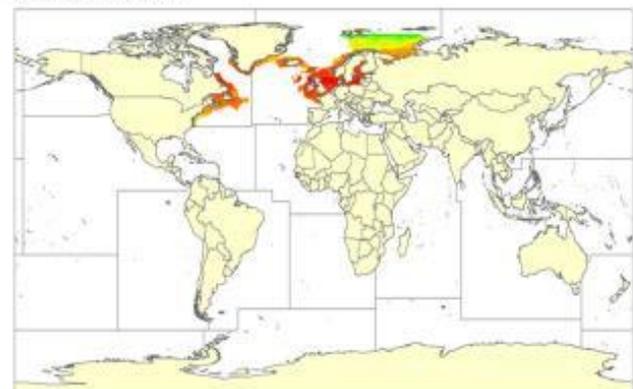


No primeiro quartel do séc. XX, os pescadores das Caxinas alargaram a zona de pesca aos mares frios da Terra Nova e da Costa Oeste da Gronelândia como alternativa de rendimento nos meses de Inverno. Entre 1934 e 1967, período áureo da indústria de bacalhau, cerca de 10% dos homens que foram trabalhar nesta actividade, saíram do concelho de Vila do Conde, maioritariamente das Caxinas.

Os pescadores caxineiros caracterizavam-se pela sua habilidade, intuição e agilidade no manejo dos *dóris* (pequenas embarcações de boca aberta, de madeira, cuja palamenta é constituída por três remos, bancos, quetes, forquetas, balde, mastro, verga, vela, etc.), e das *linhas de trol* (linhas munidas com centenas de anzóis que exigem grande esforço e perícia no iscar e no alar). Eram também considerados reconhecidos cartógrafos de fundos e bons escaladores.



A maioria da população mundial de bacalhau distribui-se pelo Mar do Norte, Ártico-Norueguês, ilhas Faroe, Islândia, Gronelândia e Labrador. As capturas deste peixe têm vindo a decrescer ao longo do tempo a nível mundial.



Com o aquecimento das águas do Mar do Norte a espécie de copépode calanóide de que o bacalhau se alimentava foi impelida para zonas mais a norte, surgindo em sua substituição uma outra espécie de copépode adaptada a águas de temperaturas mais elevadas. No entanto, esta nova espécie apresenta-se em período diferente, não permitindo a engorda do bacalhau. Assim, para além de outros impactos a nível da cadeia trófica, a migração do zooplâncton fez com que o bacalhau ficasse com menos alimento disponível.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



A seca do bacalhau

A arte da preparação do bacalhau compreendia diversas fases:

- Começava-se pelos **troles** que eram os golpes dados em determinadas zonas do peixe, para permitir a retirada das tripas e dos restantes órgãos, e a sua decapitação.
- Em seguida procedia-se à **escala**, a operação de espalmar o bacalhau.
- Esta operação era seguida da **lavagem** até que o peixe ficasse limpo, para depois o colocar a **escorrer**.
- A **salga** era efectuada depois do bacalhau ter permanecido algum tempo no escorredouro e ter sido lançado para o porão do navio.

Quando a carga estava preenchida o navio fazia a viagem de regresso ao continente e o peixe ia para as **secas do bacalhau**.

A secagem é, talvez, o método mais antigo de conservação de alimentos, com origem certamente pré-histórica. Consiste na extracção de grande parte da água que constitui os tecidos, de forma a promover a conservação do bacalhau.



O bacalhau era submetido a uma secagem passiva, disposto sobre as “mesas”, de modo a ser sujeito à incidência dos raios solares e ao ar, operação designada por **secagem natural**. Era uma operação que requeria um volume considerável de mão-de-obra, geralmente feminina.

O **trabalho da mulher**, nas secas, consta de: “descarregar, lavar, salgar e levar o bacalhau, todos os dias, para as “mesas” da seca, recolhendo-o à tarde; depois há ainda a tarefa de o empilhar, seleccionar e enfardar. (...) A lavagem faz-se em tanques; depois o peixe é colocado, em pilhas, a escorrer, sobre pequenos carros, que cada mulher conduz à secção onde recebe o sal. (...)”

“As trabalhadoras das secas de bacalhau, desembaraçadas, faladoras e alegres, como se a vida lhes não pesasse. Em conjunto, nas horas de plena actividade, cantando em coro ou simplesmente escutando os programas de rádio, elas constituem um quadro de plena vitalidade e de optimismo”.



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Requalificação da Seca do Bacalhau de Vila do Conde

O plano de requalificação da orla fluvial e marítima de Vila do Conde, prevê a valorização urbanística desta área, nomeadamente do local onde se localiza o Edifício da Seca do Bacalhau, através da instalação de locais de animação urbana, nomeadamente restaurantes, cafés e pequenos estabelecimentos comerciais.



Actualmente, para além dos edifícios, neste espaço podem ainda encontrar-se os estendais outrora utilizados para a seca do bacalhau.

- 1-Restaurantes
- 2-Lojas
- 3-Posto de abastecimento
- 4-Bares
- 5-Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental



Plano de pormenor da Seca do Bacalhau. Requalificação Programa Polis

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Casa do Risco – Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde

Em Portugal fazia-se o traçado dos componentes dos navios, no chão da denominada **Casa do Risco**. Estes edifícios existiam em todos os estaleiros e arsenais.

Até finais do século XVII, aproximadamente, a arquitectura naval portuguesa dependia em grande parte do saber empírico, o que levava a que dentro de um determinado tipo de navio, não fosse possível construir duas embarcações iguais.



Para a execução dos traçados a partir das traças e dos regimentos eram utilizadas réguas, utilizando paus com tinta. As figuras curvas eram traçadas com os mesmos paus presos em fios, que na outra extremidade acabavam em estacas para cravar no chão, e que eram o centro das circunferências, sendo o comprimento do fio o seu raio.



A partir do traçado do chão, faziam-se os moldes de madeira que serviam para fazer outros navios semelhantes.

No início do séc. XX ainda se trabalhava assim nos estaleiros de norte a sul do país, na construção de embarcações de madeira, tendo sido mais ou menos desta forma que se construíram as réplicas de caravelas e naus nos estaleiros Samuel & Filhos de Vila do Conde.



A Casa do Risco de Vila do Conde, terá sido, na época Quinhentista, a sede do projecto naval dos estaleiros de Vila do Conde. Da Casa do Risco sobram apenas três paredes em alvenaria de pedra aparelhada de forma irregular, pontuada por uma série de vãos em cantaria.

Nas ruínas da Casa do Risco foi implantado o Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental (CMIA), inaugurado em 2007.



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Estaleiros Navais

No século XVI, os estaleiros de Vila do Conde, conjuntamente com os de Azurara, possuíam um notório dinamismo em todo o contexto do Entre-Douro-e-Minho, surgindo ambos os burgos como portos de registo de embarcações de maior tonelagem, que a dos portos mais próximos (Porto, Leça, Matosinhos, Aveiro e Esposende). Eram construídas naus, zabras e galeões para as armadas régias, bem como embarcações para fretar.



Nos anos cinquenta, nos períodos de menos procura, os estaleiros navais dedicaram-se à construção de pequenas embarcações, tais como, o *DORI*, usado na pesca do bacalhau.

Em 1993, os estaleiros de Vila do Conde deslocaram-se para Azurara. No seu anterior local de implantação podemos agora visitar a NAU e a CASA DO BARCO.

Com a expansão marítima Quinhentista houve um incremento da construção naval. Registos da época indicam que entre 1540-42 teriam saído dos estaleiros por ano cerca de 20 a 25 embarcações e entre 1860 a 1880, das 819 quilhas construídas em estaleiros do norte, 309 provinham de Vila do Conde.

As principais matérias-primas usadas na construção naval englobavam: pregadura, linho, estopa, breu, alcatrão ou pez, chumbo, bronze, resina e graxas (sebo, cordame ou enxárcias). Entre as madeiras utilizava-se pinho-manso, pinho-bravo, sobre, ou na sua falta, azinho.



Actualmente, encontram-se a laborar em Azurara as empresas Samuel & Filhos, Lda., União Construtora Naval, Lda. e Sicnave – Indústria Construção e Reparação Naval, Lda.

	Sicnave - Indústria Construção e Reparação Naval, Lda	União Construtora Naval, Lda	Samuel & Filhos, Lda
Embarcações	Embarcações de pesca (Polivalente, Cercadora, Atuneiro e Pesca Local) de 8,95m, 10,5m, 11m, 12m, 16m, 18m	Embarcações de pesca (Auxiliar de pesca, polivalente e pesca local) Equipamento para a pesca local Barcos de recreio	Réplicas históricas Barcos de pesca Embarcações 9m pesca local
Matéria-prima	Alumínio marítimo	Alumínio marítimo	Madeira, Alumínio e Aço

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Tipologia de embarcações de pesca

Existe uma ampla diversidade de **embarcações**, desde as de **pequena pesca** (com artes fixas e menos de 12 metros), às da **frota costeira** (com artes fixas de arrasto ou **arrastões** e as de cerco ou **cercadoras**) e às que praticam a **pesca em águas internacionais**.

As embarcações **cercadoras** englobam uma vasta variedade de barcos, desde embarcações costeiras em madeira que utilizam redes de cerco para a pesca de pequenos pelágicos (sardinha e carapau), até navios de navegação oceânica com cascos em fibra ou em aço, que podem atingir 70 metros de comprimento, para a capturar espécies como o atum.

As **cercadoras**, também designadas **traineiras**, têm elevada representação em Vila do Conde, já que as capturas de sardinha representam uma parcela significativa da quantidade total de peixe capturado.

Os **arrastões** pescam arrastando redes ao longo do fundo, na captura de demersais, ou em meia-água na captura de pelágicos. Os **arrastões de plumas** rebocam as artes de pesca por ambos os lados do navio (bombordo/estibordo) e são utilizados na pesca de crustáceos, designadamente do camarão. Os **arrastões de popa** arrastam e recolhem as redes e as portas pela popa dos navios.

Existe uma larga variedade de **arrastões**, desde os costeiros até aos de navegação oceânica e de pesca industrial.

Os barcos de **pesca à linha** também denominados de **pesca ao anzol**, usam linhas e anzóis, com ou sem isco. Nesta classe existem barcos de todos os tamanhos, desde barcos de pesca costeira em madeira, até barcos de navegação oceânica com cascos em fibra ou em aço, distinguindo-se em função do método de pesca à linha que utilizam (palangre fundeado e palangre derivante), da zona onde operam e das espécies que capturam.



Embarcações no Rio Ave



Traineira com barco auxiliar

Barco auxiliar ou chalandra



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Naus e Caravelas

Nau, caravela e galeão foram os três grandes tipos de navios portugueses à vela nos séculos XVI e XVII. Para além destes existiram outros, menos importantes, tais como: a barca, o burinel, a taforeia, a carraca, a urca, a sumaca, o patacho e o navio.

A **caravela** foi inventada pelos portugueses, nos séculos XV e XVI e usada pelos portugueses e espanhóis durante a Era dos Descobrimentos. Foi numa caravela que Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança, em 1488.



A **nau** existe em Portugal desde a Idade Média. Este navio resultou de uma série de inovações técnicas que responderam às exigências de navegação em circuitos comerciais de longa distância, nomeadamente às Índias Orientais. Em Quinhentos a nau perde a supremacia.

Características da Nau:

- Mais lenta que a Caravela;
- Borda alta;
- Embarcação curta;
- Três cobertas;
- Transportava cargas entre 500 a 1000 toneladas;
- Velas quadradas no mastro grande e no traquete; velas triangulares no mastro de mizena;
- Utilizava-se para a viagem anual às Índias Orientais;
- Casco elevado à frente e atrás.

Características da Caravela:

- Pequeno porte, de fácil manobra, podendo ser movida remos;
- Rápida;
- Uma coberta e um convés;
- Transportavam cargas entre 50 a 100 toneladas;
- Velas «latinas», triangulares (duas vezes maiores que as das naus) e três mastros;
- Ponte sobrelevada na popa
- Um castelo de popa.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Naus e Caravelas construídas em Vila do Conde



A réplica da **Caravela Vera Cruz** é a mais exacta das antigas caravelas usadas pelos portugueses na Era dos Descobrimentos. Foi construída nos Estaleiros navais de Vila do Conde, Samuel & Filhos (1998-2000), aquando da comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. A réplica foi lançada à água em 2000 e é foco de visitas escolares e do público em geral.



A réplica da **Caravela Boa Esperança**, conhecida também por Caravela do Infante ou Caravela dos Descobrimentos, foi construída pelos Estaleiros Samuel & Filhos de Vila do Conde (1989-1990). É. Iniciou as suas viagens oceânicas em 1990, tendo atravessado o Atlântico em 2000 para fazer a rota de Pedro Alves Cabral até ao Brasil. Actualmente encontra-se atracada no Algarve.



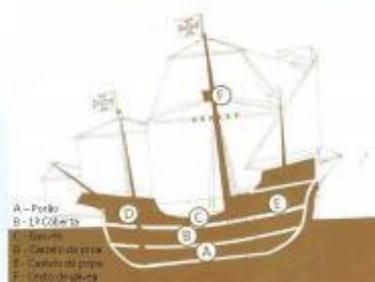
A réplica da **Caravela Bartolomeu Dias** foi mandada construir pela comunidade portuguesa de África do Sul aos Estaleiros Samuel & Filhos de Vila do Conde (1987-1988) para comemorar os 500 anos da dobragem do Cabo da Boa Esperança. Fez a viagem de Lisboa até à Cidade do Cabo chegando ao destino em Fevereiro de 1988.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Nau Quinhentista de Vila do Conde

A Nau Quinhentista de Vila do Conde é a réplica de uma nau típica do séc. XVI, mandada construir em 1994, pela Câmara Municipal de Vila do Conde, aos Estaleiros Samuel & Filhos. Foi lançada à água no dia 21 de Dezembro de 2006 e, desde então, encontra-se ancorada junto à margem direita do Rio Ave, em frente à Alfândega Régia, sendo foco de atracção turística e museológica.



O navio tem castelo de proa e castelo de popa (constituído por tolda e chapitêu), um convés e, em pavimentos inferiores, a 1ª coberta e o porão.

No interior da réplica da nau, é recriada a vida da tripulação das embarcações medievais, que ocupava principalmente, o convés e a 1ª coberta.

O segundo pavimento do castelo de popa, denominado *chapidêu*, alojava os tripulantes e passageiros mais importantes da tripulação e passageiros, tais como: Capitão, Escrivão, Passageira, Capelão e Boticário.



No espaço coberto do castelo da proa, denominado *habita*, abrigavam-se os Grumetes.



Na 1ª coberta acondicionava-se a carga em geral, para além dos mantimentos e géneros alimentícios, armazenados em diferentes tipos de recipientes (tonéis, pipas, caixas e fardos).



Era neste espaço que se armazenavam também as ferramentas e outros materiais utilizados nas manutenções de rotina (cabos, peças de madeira, velame, pano de treu, estopa, etc).

O porão era um local concebido para armazenar os materiais destinados a dar estabilidade e segurança à Nau.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Alfândega Régia

O edifício da Alfândega Régia de Vila do Conde, Museu da Construção Naval, fica situado na rua Cais da Alfândega, à beira rio, local outrora ocupado pelos estaleiros navais vilacondenses. Datado do final do século XV, foi mandado construir por D. João II, tendo sofrido sucessivas ampliações ao longo do século XVIII, de modo a colmatar as necessidades que se vinham a verificar, fruto do intenso tráfego comercial daquela altura.

As actividades que eram efectuadas na Alfândega Régia diziam respeito ao pagamento de portagens, das taxas de pescaria, dos impostos de sal, e às respectivas pesagens.

A exposição permanente patente ao público na Alfândega Régia assume três aspectos a que se destina este Museu:

- a História da Alfândega Régia, o seu funcionamento, oficiais e produtos desalfandegados
- a Navegação portuguesa, nomeadamente aquela que teve origem e destino em Vila do Conde
- a História da Construção naval, tipos de barcos construídos em Vila do Conde, técnicas, processos construtivos e ferramentas utilizadas na Construção Naval em madeira

ALFÂNDEGA RÉGIA
MUSEU DA CONSTRUÇÃO NAVAL

Da sua colecção fazem parte ferramentas de construção naval em madeira, fotografias, desenhos, projectos e miniaturas de embarcações.

A construção deste museu é também uma homenagem aos calafates e aos carpinteiros que ao longo de séculos mantiveram esta tradição.



Para além do edifício do museu, existe ainda uma réplica de uma Nau Quinhentista que procuram retratar a vida a bordo neste tipo de embarcações e a Casa do Barco.



A Casa do Barco é um espaço, de arquitectura contemporânea, onde se pode encontrar uma réplica de uma embarcação de pesca tradicional (o gasolineeiro) e diversos modelos de embarcações, assim como aprestos e alfaias do quotidiano da pesca.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Festividades Religiosas

A nossa memória colectiva é construída com base nas memórias do passado e nas vivências quotidianas e testemunhos presentes nas actividades ligadas ao mar.

As tradições culturais, as festas e as práticas religiosas da comunidade piscatória de Vila do Conde, projectam a sua ligação ao mar.

As principais festividades religiosas celebradas pelos pescadores das Caxinas são o Nosso Senhor dos Navegantes e a Nossa Senhora da Guia.

Nossa Senhora dos Pescadores

A capela da Nossa Senhora dos Pescadores foi inaugurada a 4 de Outubro de 1940, no mesmo dia da inauguração do Bairro e da Casa dos Pescadores.



Nossa Senhora do Socorro

A capela onde se encontra a imagem da Nossa Senhora do Socorro, era conhecida primitivamente por Ermida da Nossa Senhora da Boa Viagem e foi mandada construir por Gaspar Manuel Carneiro (piloto-mor da carreira da Índia, China e Japão), tendo sido concluída em 1603.

Nossa Senhora da Guia

A Nossa Senhora da Guia protectora da gente do mar, a quem têm especial apego e devoção, é celebrada a 2 de Fevereiro, com a realização de uma procissão composta por vários andores, que percorre a Vila desde a Igreja Matriz até á Capela da Nossa Senhora da Guia. A Capela da Nossa Senhora da Guia foi construída no século XI.



Nosso Senhor dos Navegantes

O Nosso Senhor dos Navegantes, padroeiro dos pescadores, é celebrado no 1º domingo de Agosto por milhares de fiéis vindos da zona Norte, para além de muitos emigrantes e turistas a passar férias na região. A procissão leva dezasseis andores e cerca de 400 *figurados*. A imagem venera-se na Igreja Paroquial das Caxinas, conhecida como a Igreja do Barco.



HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Trajes tradicionais

O Homem

Usava uma peça interior de flanela, a **camiseta**, sobre a qual colocava uma camisa a que lhe chamavam **camisola**. Essa camisa era mais ou menos garrida, aos quadrados largos. Vestia umas **calças** de um tecido grosseiro de lã. Por baixo usava umas **ceroulas** aos quadrados, feitas de flanela, presas ao tornozelo por umas presilhas. Para cobrir a cabeça usava uma **boina**.

“O homem das Caxinas nasceu para o mar”.



O homem andava quase sempre descalço e só aqueles que tinham mais posses é que no Inverno calçavam **socos**.

Na época mais fria, usava camisolas de lã grossa e um agasalho mais quente.

A Mulher

Usava **camisa**, **saiote** de flanela vermelha e **saia** rodada de cor escura. Nas tarefas realizadas no mar, a saia era arregaçada na cintura e presa com uma **faixa**, geralmente de cor preta. Por cima da saia colocava o **avental** às riscas e de muita roda.



No tempo mais frio usava uma **blusa** feita de um tecido grosso, que na época mais quente era estampada e de um tecido mais fino. Às costas usava um **xaile** e outras vezes um **lenço** que também podia ser utilizado para cobrir a cabeça. A mulher andava quase sempre descalça e no Inverno usava **meias** de lã grossas e **socos**.

À cintura do lado direito traziam uma **algibeira** de duas faces. Na face dianteira havia duas bolsas pequenas e na de trás, uma bolsa grande onde guardava o dinheiro da venda do peixe. Nas orelhas usava **meias libras** ou **brincos** em ouro e ao peito uma voltinha com uma **medalha**.

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Artes de pesca

Pela designação de **arte de pesca**, entendemos todos os instrumentos técnicos e métodos que nos permitem capturar qualquer ser vivo que viva na água (peixe, molusco, crustáceo, cetáceos, etc.). As artes e os utensílios de pesca de que se dispõe actualmente - como por exemplo, as redes, linhas e anzóis, arpões, flutuadores, pesos, etc - são ainda os mesmos, ou muito semelhantes a outros usados há milhares de anos atrás.

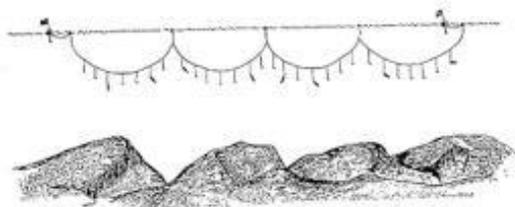
A grande maioria do pescado (cerca de 90%) é actualmente capturada apenas por cinco artes básicas: anzóis e linhas, redes de cerco, redes de arrastar, redes de emalhar e enredar e armadilhas.

Anzóis e linhas

Os anzóis são fixados à extremidade de uma linha, no qual são capturados, podendo ser simples, duplos ou triplos e de diversas formas: direitos, torcidos ou invertidos.

O isco pode ser natural, vivo ou morto, ou artificial.

Este tipo de arte de pesca varia consoante o tipo de espécies a capturar:

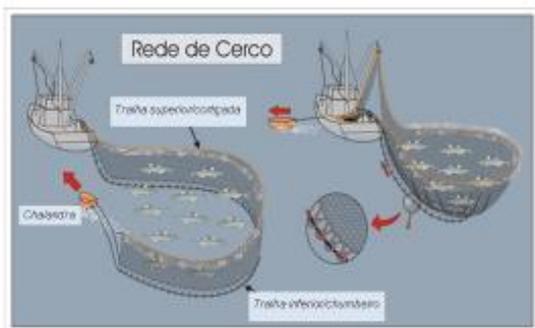


Palangre derivante de superfície

- palangre fundeado para espécies de fundo (pesca bentónica) ou semi-demersais;
- palangre derivante para espécies pelágicas (pesca pelágica).

Redes de cerco

Arte de pesca de superfície utilizada na captura de espécies pelágicas (pesca pelágica). O processo de captura consiste em envolver o peixe pelos lados e por baixo, impedindo a sua fuga pela parte inferior da rede, mesmo quando operada em águas profundas. Muitas vezes o cerco é efectuado com o auxílio de fontes luminosas com vista à atracção e concentração dos cardumes.



Podem ser redes de cerco com retenida, capazes de fechar a rede como uma bolsa, de forma a reter a captura, ou redes de cerco sem retenida, cercando o peixe pelos lados e por baixo. As redes de cerco com retenida, que podem atingir grandes dimensões, são manobradas por uma ou duas embarcações. O caso mais vulgar é a rede manobrada por um só barco, com recurso ou não a uma **embarcação auxiliar**, a **chalandra**.

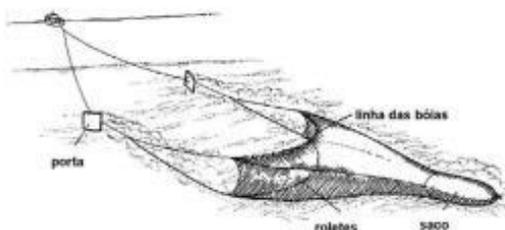
HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Artes de pesca

Redes de arrastar

Arte de pesca rebocada constituída por um corpo de forma aproximadamente cónica, fechado por um saco e prolongado por asas até à boca (abertura), utilizada quer na pesca bentónica, quer na pesca pelágica. O princípio de funcionamento das redes de arrasto baseia-se na filtração, constituindo filtros que em movimento na água capturam as espécies que se acumulam no saco da rede.



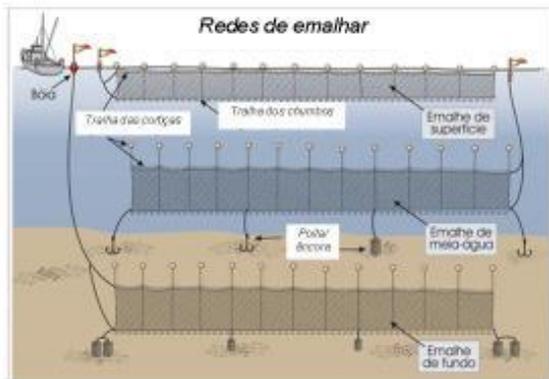
Podem ser:

- 1) redes de arrasto pelo fundo;
- 2) redes de arrasto pelágico;
- 3) redes de arrasto geminadas com portas.

Redes de emalhar e enredar

Arte de pesca constituída por vários panos de rede de emalhar, ligados topo a topo (caçada) e que se colocam verticalmente na água, estendidos entre um cabo superior de flutuação (tralha das cortiças) e um cabo inferior de lastragem (tralha dos chumbos). São utilizadas quer na pesca bentónica, quer na pesca pelágica. Podem ser:

- 1) redes de emalhar fundeadas;
- 2) redes de emalhar derivantes;
- 3) redes de emalhar envolventes;
- 4) tresmalhos;
- 5) redes mistas de emalhar-tresmalho.



Armadilhas

São artes de pesca construídas de materiais e formas diversas, com uma ou várias entradas e de onde a saída das presas é difícil ou impossível. Referenciadas à superfície através de bóias de sinalização, normalmente apresentam-se caladas sobre o fundo isoladamente, ou em grupo, com ou sem isco. Podem ser: nassa, covo, alcatruz, murejona.



Murejonas

Alcatruz



Covos

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Anexos

HÁ PESCA EM VILA DO CONDE



Atividades Lúdico-Pedagógicas

- Desenhos para colorir;
- Pontinhos;
- Diferenças;
- Labirintos.



centro de monitorização
e interpretação ambiental
vila do conde



Um dos elementos essenciais para a pesca, além das redes, armadilhas e anzóis, são as embarcações.

Vila do Conde tem um histórico associado à pesca e também à construção naval, actividades que ainda agora estão bem presentes.

Decora esta ilustração!



O pescador é um elemento típico de Vila do Conde, estando sempre associado aos seus trajes tradicionais e costumes. Utiliza normalmente camisa de flanela, calças de tecido fino e boina, participando assiduamente nas festas da terra.

Ilustra este pescador de pesca desportiva!

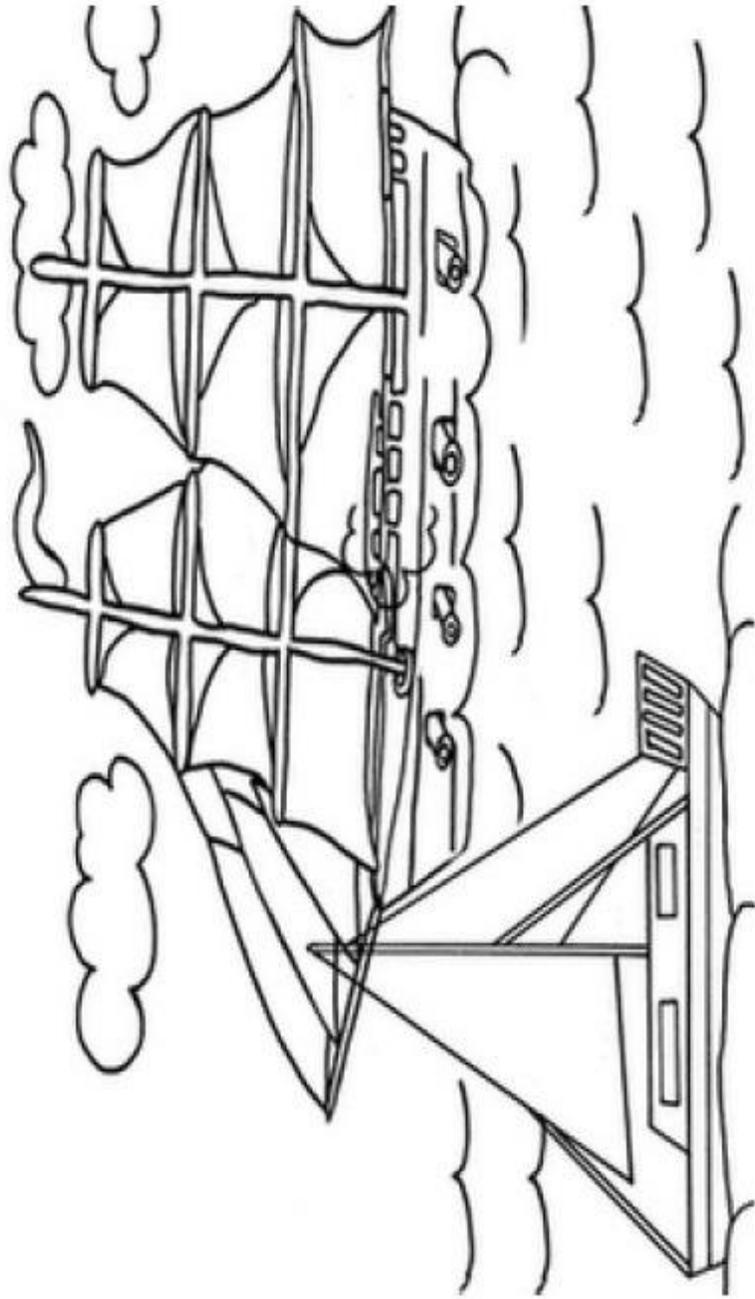


A pesca é uma actividade bastante antiga, tal como a agricultura e a caça, existindo desde a época da pré-história como fonte de subsistência do Homem.

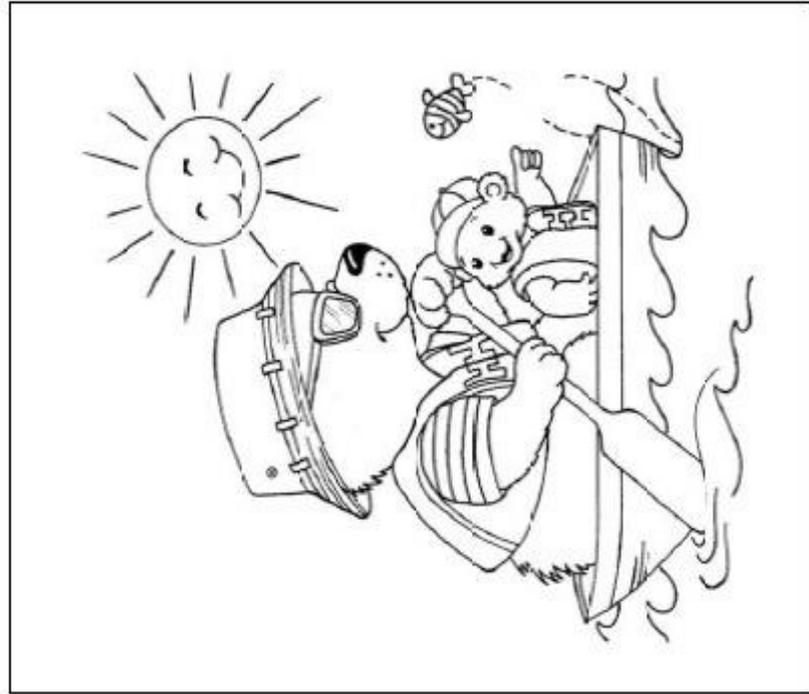
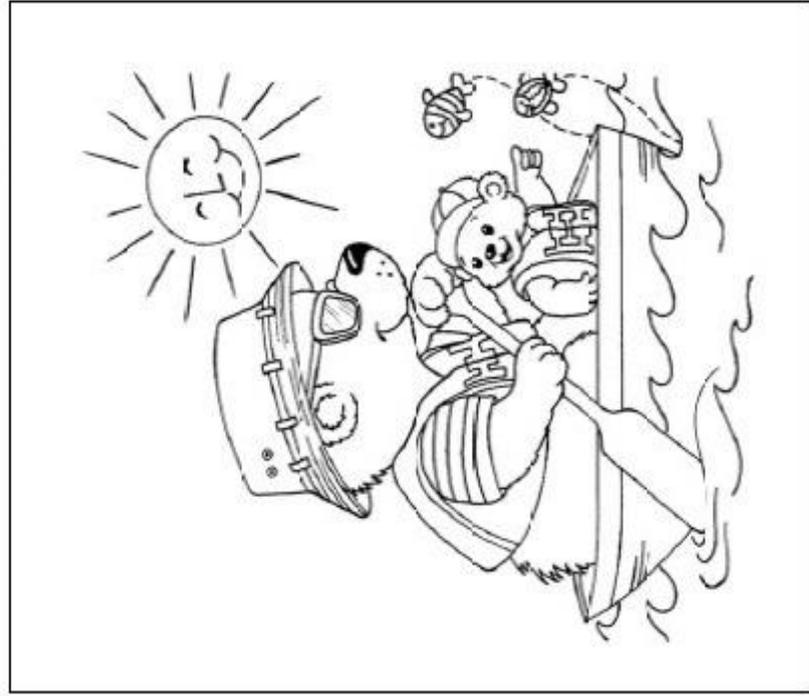
Há vestígios da existência de pesca em lugares arqueológicos do período do Paleolítico, há cerca de 50 mil anos. Ao contrário da caça e da agricultura, a pesca não sofreu grandes alterações ao longo do tempo. Apesar dos artefactos utilizados serem de madeira e pedra, são bastante semelhantes aos utilizados actualmente.

Pinta o desenho.

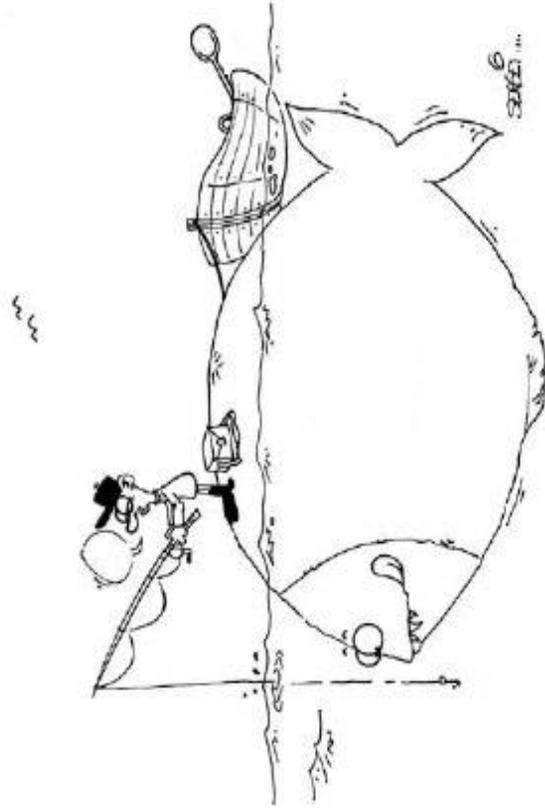
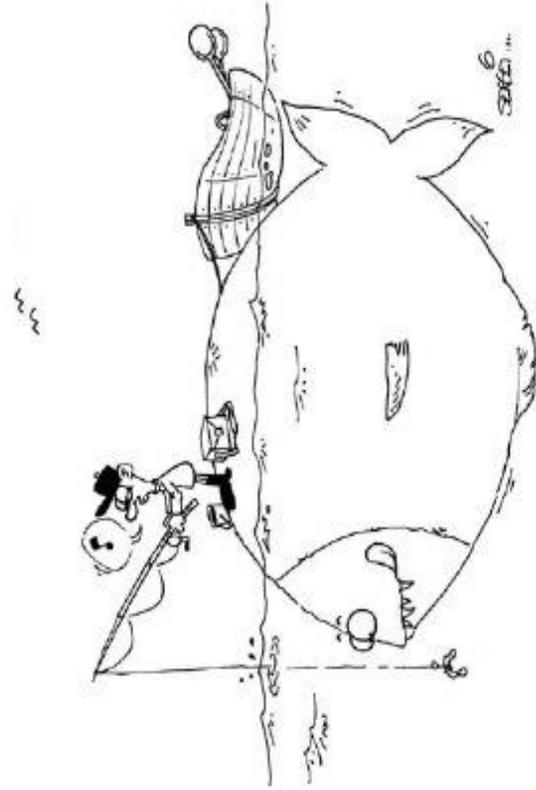




Encontra as 7 diferenças que há entre os desenhos



Descobre as 7 diferenças entre estas duas imagens.



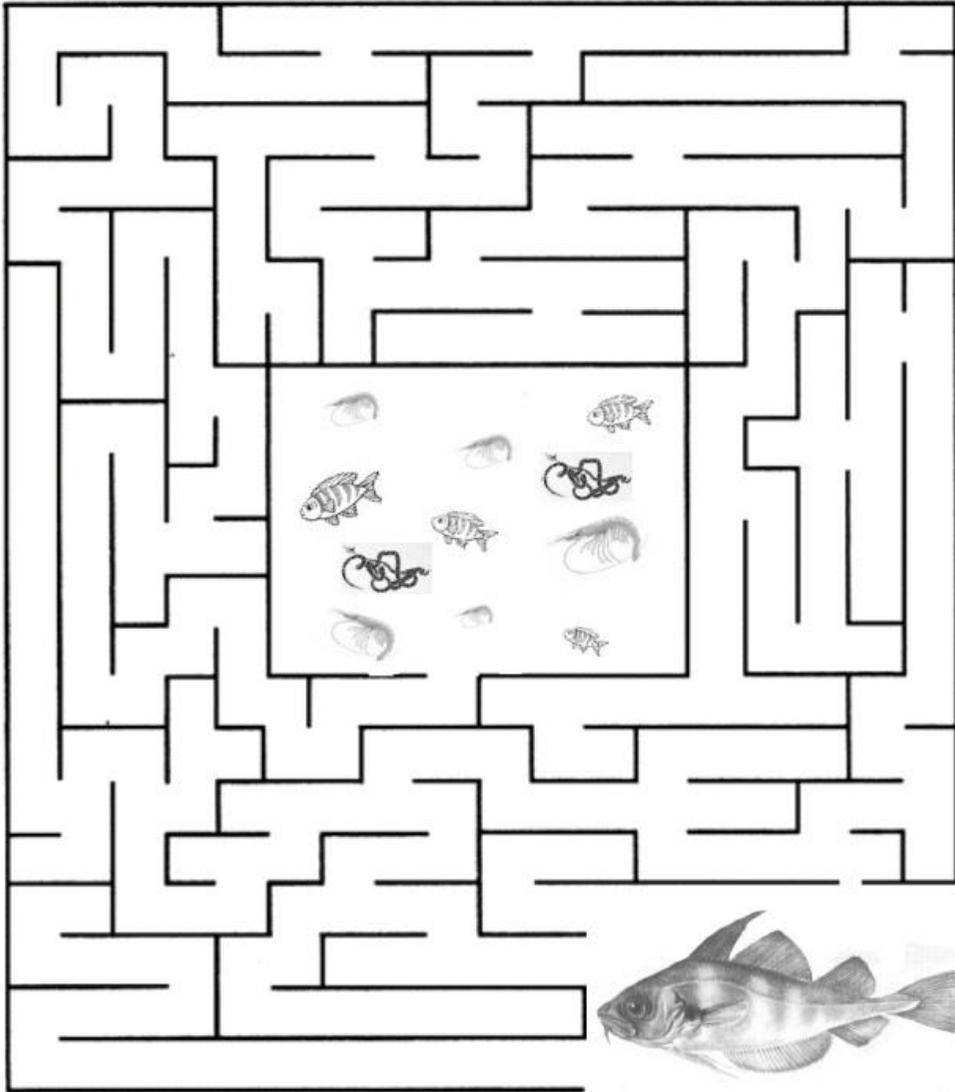
Um Cardume é um grupo de peixes, normalmente da mesma espécie, que nadam como se fosse um único indivíduo. Este comportamento é considerado uma adaptação evolutiva, pois traz muitas vantagens para a espécie.

Ajuda o Pescador a encontrar o Cardume.

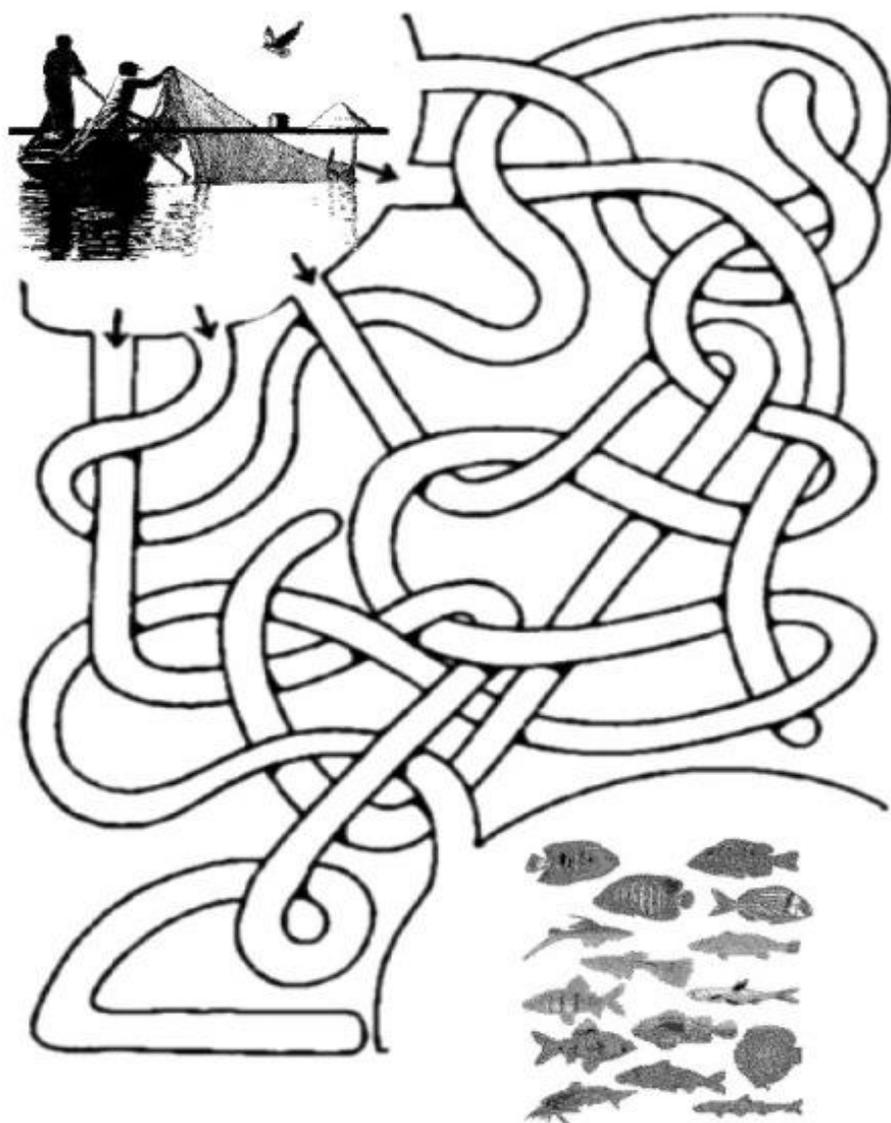


A alimentação da Faneca é muito variada, sendo essencialmente carnívora. Assim, alimenta-se preferencialmente à noite, de poliquetas, moluscos, pequenos crustáceos e peixes de menor calibre.

Encaminha esta Faneca até ao seu alimento.

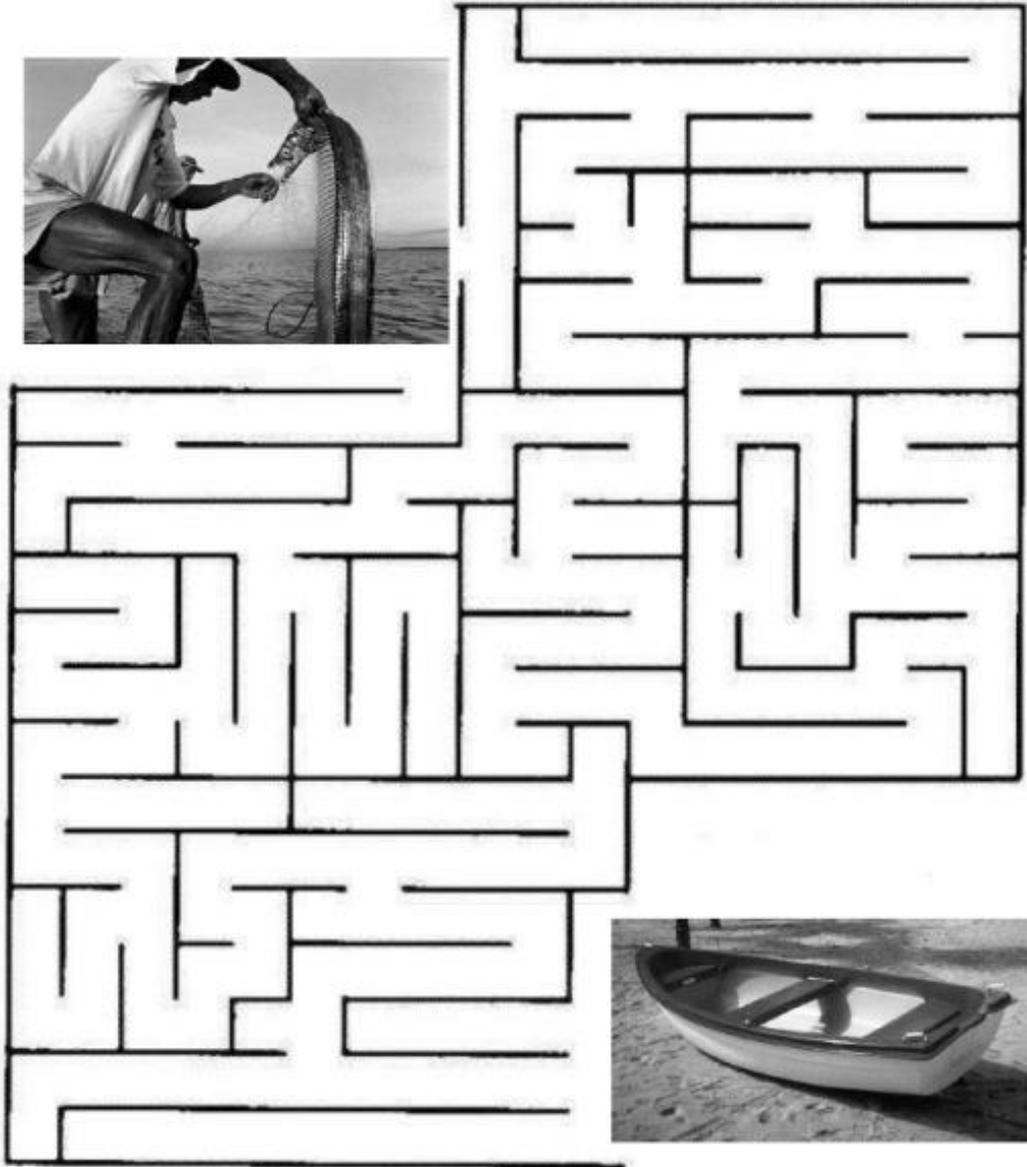


O pescado típico de Vila do Conde é o peixe Faneca, Robalo, Solha e Linguado e os crustáceos Caranguejo, Navalheira e Camarão.
Ajuda os Pescadores a capturar o Cardume.



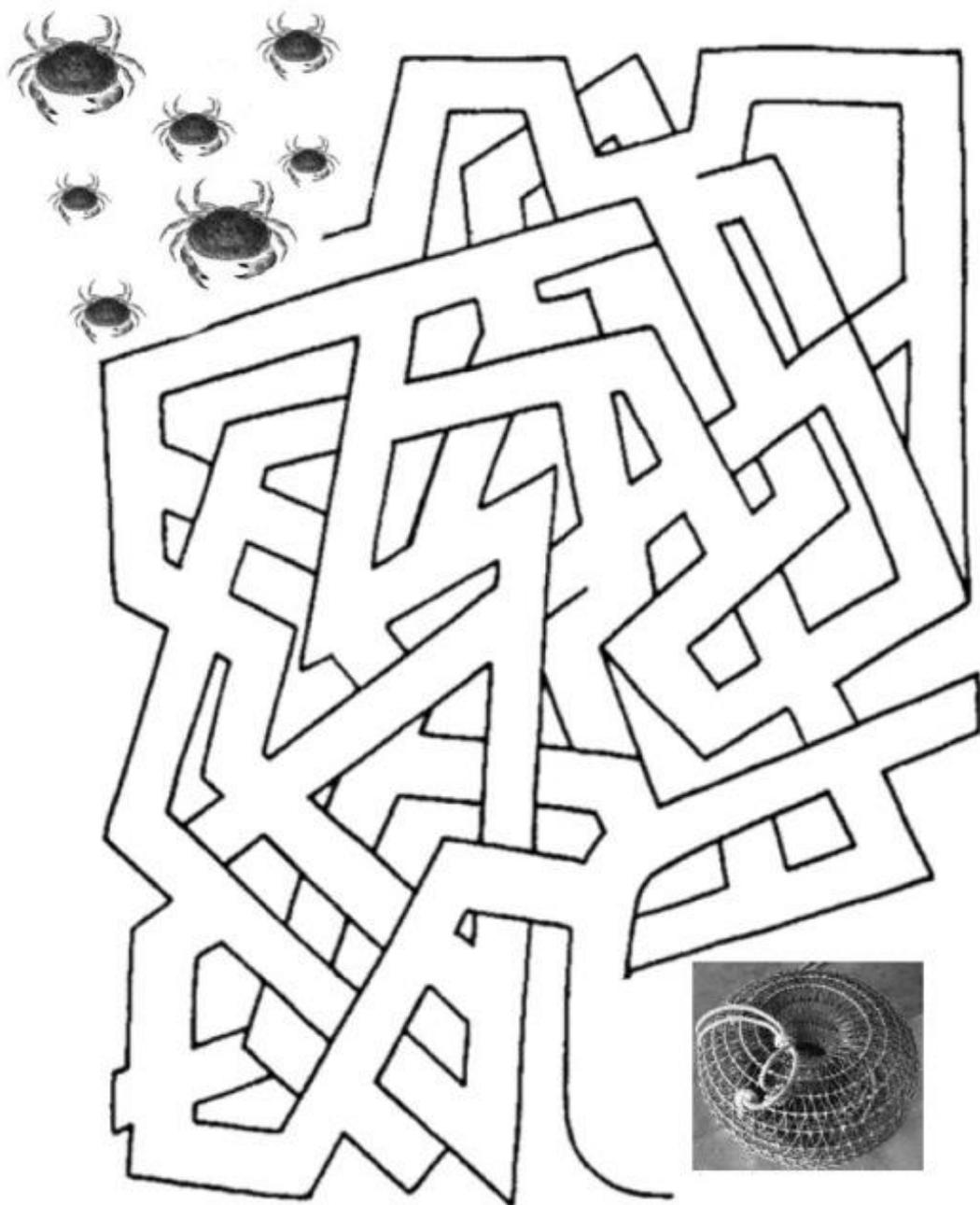
A Pesca é o acto de capturar peixes ou outros animais aquáticos, tais como crustáceos, moluscos, equinodermes, etc., nos rios, lagos ou mar com intenção comercial, de subsistência, desportiva ou outras.

Ajuda o Pescador a encontrar a sua embarcação.



As artes de pesca utilizadas em Vila do Conde são anzóis e linhas, redes e armadilhas. Estas últimas são constituídas por materiais e formas diversas, com uma ou várias entradas, de onde a saída das presas é difícil ou impossível. Utilizam-se normalmente para navalheiras, polvos e camarões.

Encaminha as navalheiras para a respectiva armadilha.



As algas têm um importante papel na biosfera sendo a base da cadeia alimentar dos ecossistemas aquáticos, por constituírem o grupo dos produtores primários. Elas servem também de esconderijo para os peixes.

Ajuda os linguados e os robalos a encontrar as algas.



Os diversos seres vivos que habitam no meio aquático dividem-se em grupos distintos. O Caranguejo, a Navalheira e o Camarão, entre outros, pertencem à Classe dos Crustáceos. O Polvo e a Lula, entre outros, pertencem à Classe dos Cefalópodes. O Mexilhão e a Amêijoia, entre outros, pertencem à Classe dos Bivalves.

Encaminha o caranguejo para os membros da sua Classe.

